



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Romances da peste: ressonâncias foucaultianas e benjaminianas

Daniel de Oliveira Gomes¹

Resumo:

O presente artigo enfocará três romances: “*Teatro*” de Bernardo Carvalho, “*Ensaio sobre a Cegueira*” de Saramago e “*A Peste*” de Camus. Começaremos analisando “benjaminamente” a personagem “a mulher do médico”. Na oscilação entre a noite e o dia, simulação e revelação, o romance nos conduz a instigantes laços com o protagonista médico de *A Peste*, de Camus. Luz e sigilo como uma característica mitológica fundamental da Medicina e, tanto em Saramago quanto em Camus e/ou Carvalho, protagonistas que se revelam na ambigüidade da potência para uma missão impotente, ou seja, na responsabilidade de cura em meio à enfermidade de outros personagens. Figuram os mesmos espaços extremos de saberes e poderes que muito atraíram os filósofos Michel Foucault e Walter Benjamin em seus estudos sobre a penetrabilidade do olhar clínico, a passagem do ofício do pintor para o do cinegrafista e outras relações filosóficas.

Palavras-Chave: Saramago, Camus, Carvalho, Foucault, Benjamin.

¹ Mestre e Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor na Universidade Estadual do Centro-Oeste, (UNICENTRO). Fez parte de seu doutorado em Paris, sob vínculo institucional da *Université Charle-de-Gaulle Lille III –Sciences Humaines, Lettres et Arts*, de Lille, França. Endereço eletrônico: setepratas@hotmail.com.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Romances da peste: ressonâncias foucaultianas e benjaminianas

No romance de José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*, apenas uma única personagem vem a ser capaz de atravessar o mundo da cegueira preservando sua sanidade. Uma personagem brilhante, a mulher do médico, que mantém uma misteriosa capacidade de proteção contra a peste, sempre pairando, ao avesso, como uma intensa possibilidade de contágio. Uma ausência em si que se mantém presente nos outros. Uma “aura” que somente pode presenciar porque está dela, como se sabe, ausente. No entanto a personagem precisa decididamente simular que foi tomada, tal como os companheiros das camaratas do manicômio, pela “*treva branca*”. Fingindo estar cega, ela assim pode permanecer com pessoas às quais passa a auxiliar, sobretudo ao lado de seu marido, desempenhando o papel fundamental de guia, cintilando sempre com os primeiros reflexos de conduta, com os primeiros *lampejos* que orientarão os itinerários. Passando também a assumir, de imediato, o papel de liderança de todos, pois possui os melhores *esclarecimentos*, cobertos sempre pela perspicácia de um apagamento enganoso: sua falsa cegueira. Recurso este que a mãe do rapazinho estrábico não ousou por simplicidade ou ingenuidade, ou melhor, por não ter tido esporadicamente, enfim, uma luz.

O dilema da luminosidade parece evidente. É preciso justamente por estar longe do momento sombrio, simular uma proximidade. Por manter ainda o poder pessoal de *apagar* os olhos, continuar a ver claramente e apostar no jogo da mentira necessária e paradoxal. Quando o médico já está submetido à cegueira branca, incapacitado de exercer sua profissão, a mulher do médico avoca e assume então o próprio espírito de “*Asclépio*”, o deus da medicina. (Na mitologia helênica, Asclépio aprendeu seu ofício com Quiron, o mais resplandecente e sensato dos centauros. Uma lenda diz que, quando menino, um pastor o avistou em sigilo, espantado com um brilho intenso que o rodeava²).

A luz e o sigilo: eis, em suma, as características mitológicas que circundam própria arte da Medicina, um dos campos íntimos de estudo do filósofo Michel

² “(...) uma cabra veio amamentar a criança, e um cão guardá-la. O pastor Arestanas, a quem pertenciam a cabra e o cão, encontrou o menino e ficou espantado com o brilho que o rodeava. Compreendeu que estava perante um mistério e não ousou recolher o bebê. Este prosseguiu sozinho o seu destino divino. (...)” Grimal, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3 ed. Trad. Victor Jabouille, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.49b. Ver também: Guimarães, Ruth. *Dicionário de Mitologia Grega*, São Paulo: Cultrix, 1989.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Foucault. Fazer entender um desaparecimento da visão (uma *noite* perseverante) que não pode ser aclarado porque não aparece, ou seja, ensaiar uma reciprocidade entre o desaparecimento e a aparência, essa é a verdadeira lucidez, a responsabilidade basilar, da mulher do médico. *Mais quand tout a disparu dans la nuit, "tout a disparu" apparaît. C'est l'autre nuit. La nuit est apparition du "tout a disparu".*³

Beneficiada, uma mulher consegue distinguir a noite e o dia, a noite branca dá-se por generalizada, devido dissimulações corporais e discursivas, mas ainda há para alguém uma *outra noite*, ou essa noite vem a ser uma outra pois está remota. Transita-se, portanto, de vários modos na extensão de um não-lugar. Em determinado sentido, joga-se com os dados de um discurso duplo (o da mulher que vivencia uma contradição indispensável com o que diz) e, em outro, é um trânsito espacial mesmo (experiência compartilhada por todos no desnorreamento das camaratas). Isso significa propor também que a protagonista encontra-se em um espaçamento-lapso, instaurando uma trajetória heterogênea, um intervalo, entre o lugar físico e o lugar de discurso.⁴ Ou seja, percebe-se, de certo ângulo de vista, a materialização de uma simultaneidade entre rompimento e força de interação, energias díspares e conjuntas que surgem desta instância de intermediação entre os pólos: a mulher do médico em um não-lugar.

No romance “Teatro”, do brasileiro Bernardo Carvalho, lançado em 1998, romance premunitório que explora a imagem do terrorismo dois anos antes do 11 de setembro, temos igualmente um enredo marcado por descrições de um espaço barroco, de personagens condenados à peste do mundo (ainda mais barroco que a peste da cegueira branca de Saramago, visto que se trata de uma estrutura narrativa mais complexa mesmo, como um teatro fragmentário, onde as personagens fogem

³ Blanchot, Maurice. "Le dehors, la nuit" in *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard. 1955, p.213. "[...] Mas quando tudo desapareceu na noite, "tudo desapareceu" aparece. É a outra noite. A noite é o aparecimento de "tudo desapareceu[...]" Blanchot, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

⁴ Vale a pena apontar para a questão da mediação num sentido antropológico da heterogeneidade. O VIII Congresso Internacional da ABRALIC 2002, em Belo Horizonte, focalizava o tema "Mediações" e em uma mesa-redonda, o antropólogo Gilberto Velho (UFRJ/Museu Nacional) explanou sobre a experiência da mediação. Contornou-a no sentido de uma intermediação entre pólos de viagens, como fenômeno simples da heterogeneidade sócio-cultural. E assim o conferencista mostrou, de certo modo, uma interpretação que postula a mesma cisão que estamos notando na mulher do médico. A de que, levando em conta as "representações da heterogeneidade", os lugares físicos nem sempre coincidem com os lugares de discurso que os fundam. Mas agem como núcleos que soltariam, por assim dizer, "dedos" que pegam e arranham outras diversidades de experiências em outras instâncias de discursos. Esses dedos são corpos. O professor citou como exemplo o caso das empregadas domésticas que fazem "trabalhos" em centros de umbanda a pedido de suas patroas. As patroas não frequentam os lugares propriamente, mas seriam tomadas no interdiscurso religioso devido o papel atrator desempenhado pelos agentes mediadores de uma determinada devoção.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

constantemente de suas representações a ponto de transmitir essa cegueira luminosa, esse claro não-lugar de uma história, ao próprio leitor). Em “Teatro”, o narrador protagonista apresenta-se saturado pelo não-lugar, diante de outros personagens condenados a uma realidade exagerada, ou, como diria um grande leitor de Foucault, Jean Baudrillard, uma “hiperealidade”, realidade maquiada, transvestida, mirabolante, onde não se sabe quem são os sãos e quem são os “outros”. “Fiz-me de cego”(p.73), diz o protagonista de Carvalho, em certo momento. Aliás, a própria literatura de Bernardo Carvalho já está saturada pelo não-lugar, pela dispersão, pela paranóia, pela cegueira branca, desde seu próprio modo de composição, onde as identidades das personagens se apagam ante uma profusão de imagens que tornam inviável distinguir luz e sombra, o belo e o feio, o fascinante e o banal, o valor e a insignificância, as ações principais e as secundárias, a salvação e a peste.

Para permanecer no não-lugar, a personagem está, de imediato, em relação contratual com as condições devidas, as regras e preceitos desta nova disponibilidade. O fingimento da cegueira é o cartão de entrada a essa nova pátria, tanto em Carvalho quanto em Saramago, onde a mulher do médico logo se torna dependente de sua identidade falsa. Afinal, não conquistou, tal como os outros, o direito ao anonimato, um *a priori*; mas permanece embaraçada num novelo de constantes e desconcertantes desafios identitários, um processo de dessemelhança indefinida onde não pode titubear. Os estudos antropológicos do não-lugar realizado por Marc Augé, apontam para esse espírito contratual que no romance de Saramago vem a incorporar-se na própria pele dos cegos.⁵

Encarcerada no manicômio, a mulher do médico se encontra submetida a instâncias de controle, todavia não somente o controle de fora, a hostilidade dos guardas e suas armas. A relação contratual rompe pressionada por todos os parceiros, que não

⁵ Augé, Marc, "Des lieux aux non-lieux" in *Non- Lieux. Introduction à une anthropologie da surmodernité*. Paris: Éditions du Seuil, 1992, pp.128, 129. "[...] Sozinho, mas semelhante aos outros, o usuário do não-lugar está com este (ou com os poderes que o governam) em relação contratual. A existência desse contrato lhe é lembrada na oportunidade (o modo de uso do não-lugar é um dos elementos do contrato): a passagem que ele comprou, o cartão que deverá apresentar no pedágio, ou mesmo o carrinho que empurra nos corredores do supermercado são a marca mais ou menos forte desse contrato. O contrato sempre tem relação com a identidade individual daquele que a subscreve. [...] De certo modo, o usuário do não-lugar é sempre obrigado a provar sua inocência. O controle *a priori* ou *a posteriori* da identidade e do contrato coloca o espaço do consumo contemporâneo sob o signo do não-lugar: só se tem acesso a ele se inocente. As palavras aqui quase não funcionam mais. Não existe individualização (de direito ao anonimato) sem controle da identidade.[...]" Augé, Marc, *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira, São Paulo: Papyrus, 1994, pp.93,94.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

deixam de ser sentinelas de sua inocência, de sua autenticidade, ofuscados pelo fulgor à sua frente; orientados por uma condutora que omite a habilidade que eles, por sua vez, almejavam desfrutar, ambicionam com veemência. Ou, por outras palavras, é igualmente um poder, um controle, que se autocontrola, uma *vigilância imanente*. Tal concepção de poder e controle reincide à fórmula microfísica de Foucault, quando o filósofo estuda a política de fabricação de *corpos dóceis* acelerada pela era clássica.

La surveillance médicale des maladies et des contagions y est solidaire de toute une série d'autres contrôles: militaire sur les déserteurs, fiscal sur les marchandises, administratif sur les remèdes, les rations, les disparitions, les guérisons, les morts, les simulations.⁶

Mas se, desses dispositivos de disciplina, porventura se desenvolve uma angústia, uma *tensão solitária*, como fala Augé⁷, há também uma duplicidade em sua angústia. De um lado há o risco de que a descubram, o risco da desconfiança. Contudo, por outro, a durabilidade de sua dissimulação já está sempre em risco, pois a qualquer momento ela pode vir a cegar tal como os companheiros. Para ela, de todos os lados perdura um jogo duplo e indefinido do não-lugar. Isto pode ressoar, também, as considerações de Michel Foucault, quando, por exemplo, em “O Nascimento da Clínica”, ele faz uma diferença entre o olhar e o golpe de vista, na medicina. Foucault denuncia que houve uma passagem do “olhar” para o “golpe de vista”, essencialmente no início do séc. XIX, com a passagem da “medicina dos sistemas”, onde o visível e o dizível andavam juntos, para a “anatomia patológica”. Da primeira medicina derivou-se a nossa atual medicina, obsessiva pela visão fragmentada do corpo, preocupada em focar do modo mais direto possível os órgãos, fugindo dos abusos, dos rodeios, da linguagem, da voz, do paciente. Saramago e Camus desconstituem esta medicina

⁶ Foucault, Michel. "Les corps dociles" in *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Gallimard, Paris, 1975, p.169. "[...] A vigilância médica das doenças e dos contágios é aí solidária de toda uma série de outros controles: militar sobre os desertores, fiscal sobre as mercadorias, administrativo sobre os remédios, as rações, os desaparecimentos, as curas, as mortes, as simulações [...]" Foucault, Michel. "Os corpos dóceis" in *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. 22 ed. Trad. Raquel Ramalhete, Petrópolis: Vozes. 1987, p.123.

⁷ "[...] Vê-se bem que por 'não-lugar' designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, mesmo assim, pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só diz respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária [...]" Augé, op.cit., p.87.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

moderna com suas pestes, seus rodeios de linguagem, como que devolvendo à medicina seu antigo olhar, ou seu antigo pacto com o campo aberto da palavra. Ou, ao menos, nos fazendo lembrar que, como dizia Foucault, “o olhar clínico é um olhar que queima as coisas até sua extrema verdade.” (*O Nascimento da Clínica*, p.136). Bernardo Carvalho, por sua vez, cria uma ficção marcada pela paranóia do olhar, pelo terrorismo do olhar, pelo clínico do olhar, também uma ficção explicitamente regida sob uma “vigilância imanente” que confisca toda possibilidade de uma verdade que não seja extrema. Como diz seu protagonista: “então até a mais inofensiva das atividades, como a literatura, também seria um ato paranóico. (...) A paranóia é a possibilidade de criação de histórias”. (“Teatro”, p.31).

Vejamos brevemente, ainda, como Michel de Certeau analisa o método foucaultiano de estudar a regulamentação da vigilância e assinala o próprio estilo vigilante e panóptico com que Foucault cria seus textos:

"[...] No livro onde estuda como é que se organizam os 'procedimentos' da 'vigilância' carcerária, escolar e médica no começo do século XIX, Michel Foucault multiplica os sinônimos, palavras dançantes, abordagens sucessivas de um impossível nome próprio: 'dispositivos', 'instrumentalizações', 'técnicas', 'mecanismos', 'maquinarias' etc. A incerteza e a constante mobilidade da coisa na linguagem já estão a indicá-lo. [...] Numa série de quadros clínicos (maravilhosamente 'panópticos', eles também), tenta por sua vez denominar e classificar as 'regras gerais', as 'condições de funcionamento', as 'técnicas' e os 'procedimentos', as 'operações' distintas, os 'mecanismos', 'princípios' e 'elementos' que compõem uma 'microfísica do poder'. Esta galeria de diagramas tem como dupla função delimitar uma camada social de práticas sem discurso e instaurar um discurso sobre essas práticas. [...]"⁸

O mesmo princípio de clausura, “as técnicas”, “as regras gerais”, “as condições de funcionamento”, certo “panóptico”, podemos dizer que ocorre também no clássico romance *A Peste*. Evidentemente, de modo menos barroco que Saramago, e principalmente Carvalho. Tanto o existencialismo de Camus quanto a sociologia espacial de Saramago, e a paranóia performática de Carvalho, põe em circulação procedimentos vigilantes de portões que se fecham e se abrem. Há, nestas narrativas que tematizam os terrores das pestes, entre as balizas, conspirações frustradas de fuga, de

⁸ Certeau, Michel. “Tecnologias disseminadas: Foucault” in *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 5 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Vozes, Petrópolis, 2000, pp.112,113.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

superação das extremidades, e a desmoralização de olhares esperançosos e iluminados de seres impotentes, enfermos, incapacitados. Como protagonistas exclusivos da ação doentia, tanto Camus quanto Saramago, escolhem a singular anexação das características mitológicas de Asclépio. A impotência do olhar da mulher do médico confere com a impotência do Dr. Bernard Rieux, de Camus. É a incapacidade de um olhar que contempla, atende e zela olhares radiantes de impotência e resistentes. Ambiguidade da potência para uma missão impotente.

Rieux lui prit le bras, mais Tarrou, le regard détourné, ne réagissait plus. Et soudain, la fièvre reflua visiblement jusqu'à son front comme si elle avait crevé quelque digue intérieure. Quand le regard de Tarrou revint vers le docteur, celui-ci l'encourageait de son visage tendu. Le sourire que Tarrou essaya encore de former ne put passer au-delà des maxillaires serrés et des lèvres cimentées par une écume blanchâtre. Mais, dans la face durcie, les yeux brillèrent encore de tout l'éclat du courage.⁹

O problema do encerramento espacial, formulando um não-lugar, dando vez a um movimento migratório transformador, possibilitando novas posturas enunciativas (filosóficas), é algo bem assinalado e nada inédito na transferência psicológica dos personagens de Saramago¹⁰. Em *Jangada de Pedra*, por exemplo, é evidente tal característica. (Existe o encarceramento geográfico, mas as personagens transportam-se por sobre esse território de captura que, por sua vez, assume a autonomia de uma viagem global). Todavia, é o enigma da *vidência* algo que em *Ensaio Sobre a Cegueira* parece empossar-se como um dado distintivo e sutil. Para notar isso, basta recordar que em *Memorial do Convento*¹¹, também temos uma personagem feminina com uma capacidade poderosa de visão, é Blimunda. Assim como a mulher do médico, Blimunda

⁹ Camus, Albert. *La Peste*. Paris: Gallimard, 1947, p.260. "[...] Rieux pegou-lhe no braço, mas Tarrou, com o olhar desviado, já não reagia. E, de repente, a febre refluiu visivelmente até sua fronte, como se tivesse arrebatado alguma represa interior. Quando o olhar de Tarrou voltou a pousar no médico, este o animava com o rosto tenso. O sorriso que Tarrou tentou ainda esboçar não conseguiu passar dos maxilares cerrados e dos lábios cimentados por uma espuma esbranquiçada. Mas, na face endurecida, os olhos brilharam ainda com todo o fulgor da coragem[...]". Camus, Albert, *A peste*, trad. Valery Rumjanek, Abril cultural, São Paulo, 1984, p.205.

¹⁰ A professora Maria Alzira Seixo, salientando a acentuação romanesca da problemática do lugar, a partir da segunda metade do séc XX, explica que "[...] Um olhar de conjunto sobre a obra de José Saramago não deixa de revelar esta preocupação constante, e de alguma forma dominante, na sua experiência e nas suas formulações. Lugar e deslocação, ou a busca do lugar (a sua construção) a partir de formas diferenciadas de descoincidência experimentada, ou procurada, em relação a ele, manifestam-se em praticamente todos os seus escritos [...]" Seixo, Maria Alzira, *Lugares da Ficção em José Saramago*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1999, pp.139,140.

¹¹ Saramago, José. *Memorial do Convento*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

precisa esconder seu poder. Entretanto, existe uma distinção crucial. Blimunda omite seu poder porque ela mesma é quem vem a ser uma estranha, uma diferença, com esse poder. Já para mulher do médico, torna-se necessário esconder a diferença quando, na verdade, todos é que estão diferentes. Há uma mudança de empatia entre luz e sigilo.

Entretanto, o mesmo princípio de diferença ocorre em paralelo com o personagem de Camus. Somente no final do romance é que o narrador confessa o seu grande segredo, o disfarce que não compartilhou com os leitores durante o momento da peste: o de ser o *autor*, o relator, a testemunha, de toda a história. Mais do que uma simples declaração, ou um impacto, essa é a revelação do desdobramento de uma outra impossibilidade. Além da irrealizável cura para a peste, Rieux não podia nos revelar que todo ponto de vista, a fusão entre o olhar-depoimento e a escritura de tudo aquilo, provinha de sua influência, sua totalidade hermenêutica. Isso nos dá a impressão, talvez, de uma *insensibilidade médica*. Uma frieza racional e uma capacidade de intervenção na realidade que somente poderia provir de sujeitos que possuem uma missão da cura que vai menos no sentido de uma magia, uma magia branca¹², e sim mais como uma *cirurgia*, uma prática operativa com o corpo. Benjamin (ao observar a passagem do ofício do pintor para o do cinegrafista) já nos falava do modo de autoridade e da penetrabilidade relacionados à atividade do cirurgião.

O cirurgião está no pólo oposto ao do mágico. O comportamento do mágico, que deposita as mãos sobre um doente para curá-lo, é distinto do comportamento do cirurgião, que realiza uma intervenção em seu corpo.¹³

Novamente voltamos à duplicidade alegórica de Asclépio: luz e sigilo. A transgressão da figura do cirurgião difere da do mágico por ser uma responsabilidade clínica. O cirurgião é ele mesmo o foco da cura, ele *olha* todas as vísceras e as cegueiras, possuindo uma potência (técnica) em relação ao paciente. (Tal como a mulher do médico possui a virtude de ver e, conjuntamente, um segundo poder: o da dissimulação de si). Distintamente do mágico, que não manipula, não disfarça, não

¹² Interessante, aqui, um lembrete à especificação distintiva da antropóloga Mary Douglas, que é uma distinção entre a feitiçaria e o mágico. A magia branca difere-se da magia negra por ser uma atividade exercida "em nome da estrutura social". Ver mais em: Douglas, Mary. "Poderes e Perigos" in *Pureza e Perigo*, trad. Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto, Perspectiva, São Paulo, 1976, p.123.

¹³ Benjamin, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" in *Magia e técnica, arte e política*, trad. Sergio Paulo Rouanet, Brasiliense, São Paulo, 1994, p.187.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

instrumentaliza, como o fez a caligrafia do médico Rieux. Se se cria, na disposição mágica, um caráter ilusionístico não é por ordem de uma montagem, ou um simulacro, mas somente por ser uma das partes ritualísticas da cura. O cirurgião está, em outro lado, equipado, escondido, atrás de suas máscaras protetoras, atrás das paredes da sala operatória, atrás de uma cautela identitária da medicina, uma *sociedade de discurso*¹⁴, uma função de especialidade, se possível; enquanto poderíamos afirmar que o mágico sempre *revela-se*. Por isso a mulher do médico e o médico Rieux sincronizam-se mais na simbologia do cirurgião. Ambos *operam* uma valiosa desordem entre o lugar e o discurso. Assim como Bernardo Carvalho, ambos operam uma pulsão crítica, pela ficção, pelo verbal, que volta a tornar enigmático o estatuto daquilo a que Foucault chamou “golpe de vista”: por essência o olhar desmistificado, epistemológico, luminoso, da medicina dos órgãos, dos sintomas, do foco, das causas. A diferença de Bernardo Carvalho, em “Teatro” está no fato de operar um estilo fragmentário, teatral, cinematográfico, panóptico, produzindo curto-circuitos em suas próprias cenas doentias, como que atuando com os mal-entendidos do leitor. Temos que conviver com uma desconfiança generalizada, tal como quando lemos Saramago, porém perguntando “que teatro é esse em que as personagens fogem de suas representações? Que peste é esta onde não se sabe se os personagens Ana C ou Daniel, na primeira parte do romance, são os mesmos da segunda parte?”.

Camus e Saramago, menos travestidos, menos dispersivos, podem ser diferentes dos escritores contemporâneos que freqüentemente são associados ao pensamento transversal de Michel Foucault. Entretanto, nada impede que estes seus romances entrem em convergência foucaultiana e benjaminiana com Bernardo Carvalho, ao re-imaginarem, nas palavras de Foucault, “a experiência clínica em seu momento de equilíbrio entre a palavra e o espetáculo”. (*O Nascimento da Clínica*, p.131). Em suma, os três romances tematizam o “vazio do mundo”. Eles tematizam as oposições entre a razão e a loucura, os dispositivos do panóptico, os processos de exclusão, as heterotopias, o teatro e a penetrabilidade do olhar clínico, o poder microfísico, a aura perdida, a passagem do ofício do pintor para o do cinegrafista, a luz e o sigilo, etc, provocando, assim, infinitas ressonâncias foucaultianas e benjaminianas.

¹⁴ “[...] D'un fonctionnement en partie différent sont les 'sociétés de discours', qui ont pour fonction de conserver ou de produire des discours, mais pour les faire circuler dans un espace fermé, ne les distribuer que selon des règles strictes et sans que les détenteurs soient dépossédés par cette distribution même [...]” FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Éditions Gallimard, Paris, 1971, p.41.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Referências Bibliográficas

Augé, Marc, "Des lieux aux non-lieux" in *Non- Lieux. Introduction à une anthropologie da surmodernité.* Éditions du Seuil, Paris, 1992.

Augé, Marc, *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.* Trad. Maria Lúcia Pereira, Papirus, São Paulo, 1994.

Baudrillard, Jean. *O sistema dos Objetos.* Trad. Zulmira Ribeiro Tavares, Perspectiva, São Paulo, 1997.

Blanchot, Maurice. "Le dehors, la nuit" in *L'Espace Littéraire.* Paris: Gallimard. 1955.

Blanchot, Maurice. *O Espaço Literário.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Benjamin, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" in *Magia e técnica, arte e política,* trad. Sergio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.

Camus, Albert. *La Peste.* Paris: Gallimard, 1947.

Camus, Albert. *A peste.* Trad. Valery Rumjanek, São Paulo: Abril cultural, 1984.

Cassirer, Ernest. "A Palavra mágica" in *Linguagem e Mito.* 4 ed. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva. 2000.

Certeau, Michel. "Tecnologias disseminadas: Foucault" in *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer.* 5 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 2000.

Douglas, Mary. "Poderes e Perigos" in *Pureza e Perigo,* trad. Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto, São Paulo: Perspectiva, 1976.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria*.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Foucault, Michel. "Les corps dociles" in *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard.1975.

Foucault, Michel. "Os corpos dóceis" in *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. 22 ed. Trad. Raquel Ramalhete, Petrópolis: Vozes. 1987.

Foucault, Michel. *L'ordre du discours*. Éditions Gallimard,1971.

Grimal, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3 ed. Trad. Victor Jabouille, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Guimarães, Ruth. *Dicionário de Mitologia Grega*, São Paulo: Cultrix, 1989.

Saramago, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Saramago, José. *Memorial do Convento*. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Seixo, Maria Alzira, *Lugares da Ficção em José Saramago*, Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1999.